

DOIS AUTORES, DUAS CULTURAS – UM MESMO OLHAR SOBRE O SAGRADO

Zaida Pinto Ferreira

UNIVERSIDADE ABERTA

Falar simultaneamente e de forma cotejada de dois autores como Leslie Marmon Silko e James Redfield poderá parecer-nos irrealista se apenas considerarmos as origens sócio-culturais dos dois romancistas. É que, enquanto Leslie Silko é de ascendência pluriétnica (em suas veias corre sangue índio, mexicano e branco), James Redfield, por outro lado, é oriundo da "mainstream" de uma sociedade etnocentrista como é a sociedade americana. Porém, em termos de opções de ordem espiritual e de normas condicionantes de uma PRAXIS humana, os laços que os unem são indelévels, como procuraremos averiguar.

Efectivamente, as semelhanças entre as obras de Silko e Redfield são notórias, não obstante reflectam mundividências diferentes, ou seja, ambos privilegiam os mesmos vectores temáticos, embora os abordem de forma diversa, de entre os quais se salienta a questão primordial da espiritualidade e do seu princípio básico – "we are One, we are All Related."

Para Silko, o mundo contemporâneo caracteriza-se por ser completamente dessacralizado e destituído de todo o valor numinoso, tal como o descreve, de forma cabal, no seu romance *Almanac of the Dead*¹. O sentimento do sagrado, seja em relação à natureza ou ao quotidiano do ser humano, está ausente da vida moderna. Mesmo nos templos ou igrejas das religiões institucionalizadas, a vivência do sagrado como experiência interior diluiu-se ou terá mesmo desaparecido. Na maioria das vezes, os ritos ter-se-ão tornado mecanizados e automatizados, e o significado espiritual transcendente ficou obscurecido e alienado da vida do homem. É por isso que a religiosidade do homem branco é apelidada pelo Índio de "sunday religion".

Por sua vez, Redfield, tendo sido terapeuta durante alguns anos, apercebeu-se da perfeita alienação em que vivem muitos jovens, atormentados pelo vazio e angústia

¹ Leslie Silko, *Almanac of the Dead*, (New York: Penguin Books, 1992)

existencial que constituem os seus percursos de vida. Assim, dá-se conta que o Ocidente, com o olhar ofuscado pelo brilho da razão, substituiu os valores espirituais, míticos, simbólicos e psíquicos por valores ligados ao dinheiro e à satisfação das necessidades materiais da vida: o ter sobrepujou o ser. O modelo ideal de relacionamento humano é hoje caracterizado pela objectividade, impessoalidade e neutralidade e a ausência de emoção e o distanciamento afectivo passou a fazer parte integrante das vivências humanas. Neste contexto, só a aceitação de uma realidade indivisível, viva e orgânica, espiritual e, ao mesmo tempo, material e dinâmica pode curar a doença da humanidade – o vazio. Perante isto, Redfield, na nota introdutória à sua última obra, *Shambhala*, refere que:

"We are becoming fully conscious of a higher spiritual process operating behind the scenes in life, and in doing so, we are leaving behind a materialistic worldview that reduces life to survival, gives a pittance to Sunday religion, and uses toys and distractions to push away the true awe of being alive²."

A leitura das obras de Redfield transporta-nos para um mundo imbuído de poderes mágicos em que a ideia do Homem como Sujeito e da Natureza como Objecto carece de sentido, dando lugar à visão de um Cosmos constituído apenas por sujeitos dialogantes. Esta visão faz parte integrante da mundividência dos Índios, tão bem retratada no conceito de "give away" como refere Gustafson no seu livro *Dancing between two Worlds*:

"The knowing significance that all of life interacts in a balance of give and take manifests itself in practical ways in our everyday affairs. At the same time, the lack of such perspective reveals an impoverished loss of soul. If we live our lives from the position of taking, we live an imbalanced life. Our worldview will be skewed, our significance limited and our soul injured"³.

Estes arautos da necessidade de junção do sagrado com o profano exortam o leitor a desenvolver uma percepção que transcenda a simples apreensão sensorial, material e concreta. Este novo OLHAR deverá estar imbuído de um significado simbólico e espiritual superior, passível de transfigurar as experiências humanas.

²James Redfield, *The Secret of Shambhala, In Search of the Eleventh Insight* (London: Bantam Books, 1999), ix.

³ Fred R. Gustafson, *Dancing Between Two Worlds: Jung and the Native American Soul* (New York: Paulist Press, 1997), 123

No romance *Shambhala*, Redfield relata este tipo de experiência em muitas passagens da obra, desvelando uma intuição simbólica da plenitude espiritual, a sensação de uma união íntima com algo transcendente, o que corresponde à visão mística:

"I nodded as he talked, unable to look away from the majestic light around me. I did feel rejuvenated, and almost calm. In front of us, toward Kailash, the flat valleys and low foothills were bathed in alternate layers of shadow and light brown reflections, providing an eerie contrast to the sunlit higher ridges, which seemed to glow from within. The sight was surrealistic, and for the first time I realize why the Tibetans were so spiritual. The light of this land alone led them inexorably into a fuller awareness"⁴.

De igual modo, Silko, através de uma linguagem poética e simbólica, patenteia a profunda reverência e ligação mística do Índio com a terra-mãe:

"...El Feo was already married – married to the earth. They said El Feo had sexual intercourse four times a day with holes dug in damp river clay"⁵.

Ambos apelam à prossecução de um novo mito, em que os seres humanos, obrigando-se a respeitar e aceitar a alteridade, e ainda a reverenciar o mundo natural, irão tornar actualizável o ideal de Amor universal. Os romancistas proclamam e sustentam uma mudança na consciência colectiva que conduz a uma nova cosmovisão, a uma nova epistemologia e a uma nova ciência. Esta postura encontra-se bem expressa nas sábias palavras do Chefe Seattle, proferidas em 1854: "A Terra não pertence ao homem, o homem é que pertence à Terra. Todas as coisas estão ligadas, como o sangue que nos une a todos. O homem não teceu a teia da vida, é um mero fio dessa teia. Aquilo que fizer à teia, fá-lo-á a si próprio".

Leslie Silko, em *Almanac of the Dead*, numa verdadeira alquimia, faz entretecer uma profusão de histórias e de referências culturais, desde histórias orais contadas em código, evocativas de um contexto sagrado, a histórias sobre o passado, presente e futuro do continente americano, onde o "ouro e o ferro" se interligam na perfeição. Através de relatos sórdidos e apocalípticos, a escritora descreve-nos uma sociedade corrupta, materialista e dessacralizada que contrasta, de uma forma gritante, com os valores espirituais que permeiam

⁴ *op.cit.*, 111

⁵ Leslie Silko, *op.cit.*, 468.

as culturas nativas. E, acima de tudo, proclama a necessidade de recuperar ou preservar o sentimento de que tudo o que existe no universo é sagrado e imbuído de espírito.

Há quem se refira a este romance como sendo "...a postmodern book of the Hopi, a profound teaching story and a spiritual vision for the Planet"⁶ De facto, esta alusão aos índios Hopi é inteiramente justificada, já que uma das personagens, the Barefoot Hopi, protagoniza o papel de mensageiro:

"The message had arrived. The Barefoot was the messenger.[...] Mosca said the sandals were the Hopi`s so he must have gone for a walk along the river to feel messages from the earth through the bare feet"⁷.

Os Hopi ancestrais continuam a pautar a sua existência por um elevado sentimento de harmonia cósmica, o que lhes permite comungar de uma relação empática com tudo o que os rodeia e receber mensagens de outros reinos da existência através da oração e dos rituais. Na linguagem Hopi, a palavra Hopi significa: " *Those who are honest, upright, decent, at peace with humankind and nature, and live in accordance with the instructions of the Great Spirit*"⁸.

A preservação do equilíbrio cósmico é uma determinante vital do pensamento Hopi. Daí que cada vez mais pessoas estejam receptivas aos avisos dos chefes tradicionais:

" We have accepted the responsibility designated by our prophecy to tell you that almost all life will stop unless men come to know that every one must live in Peace and in Harmony with nature. Only those people who know the secrets of nature, the mother of us all, can overcome the possible destruction of all land and life"⁹.

De entre as muitas profecias que povoam a mitologia dos povos nativos, é de salientar a profecia dos Índios Hopi¹⁰, (que antevê a destruição iminente do mundo por radiação), por conter ideias místicas capazes de ajudar a humanidade na superação de graves problemas ambientais. Para os Hopi, a região onde vivem é um espaço sagrado, uma espécie de centro do universo, um grande reservatório de poder espiritual apenas rivalizado pelo Tibete. Assim,

⁶ Melissa Hearn, "Almanac of the Dead", *Prairie Schooner*, vol.67, n^o2, Verão de 1993, 151.

⁷ Leslie Silko, *op.cit.*, 616-617.

⁸ Rudolf Kaiser, *The Voice of the Great Spirit, Prophecies of the Hopi Indians*, (Boston:Shambhala, 1991), 29.

⁹ Scott Peter son, *Native American Prophecies*, (New York: Paragon House, 1990) , XIV.

¹⁰ Sun Bear et al, "Hopi Prophecy", in *The Bear Tribe's Self-Reliance Book* (New York:Prentice-Hall Press, 1988), 14-20.

não será certamente por acaso que a acção do último livro de Redfield, *Shambhala*, se situa nas montanhas geladas do Tibete, tido, igualmente, como um centro de grande espiritualidade:

"Part of me was fascinated with the idea of going to the Tibet. I knew that its geography was one of the most beautiful and mysterious in the world. But it was a country under the repressive control of the Chinese government ..."¹¹.

Tanto o Tibete como a nação Hopi são considerados lugares sagrados, importantes centros espirituais que dão valor à profecia e ao ritual, percebidos por muitos como importantes fontes de luz que iluminam o planeta. Em *Shambhala*, Redfield refere que "The culture of Tibet is totally dedicated to the spiritual life. We are arguably the most religious anywhere"¹². Por sua vez, o mitólogo Joseph Campbell alude aos Índios afirmando: "...there was probably not a more spiritual people to be found anywhere on Earth"¹³, uma afirmação que é reiterada pelo antropólogo mais notável do séc. XX, Claude Levi-Strauss, após ter vivido alguns anos com um povo indígena: "few people are so profoundly religious...few possess a metaphysical system of such complexity. Their spiritual beliefs and everyday activities are inextricably mixed"¹⁴.

Importa recordar que as lutas e sofrimento destes povos nada ficam a dever a qualquer das Odisseias trágicas que a Humanidade tem conhecido – foram expropriados, massacrados, destituídos dos seus direitos fundamentais, quase exterminados –, porém as suas culturas continuam perenes, não tendo soçobrado ao tempo, como tudo fazia prever. E serão essas culturas ligadas ao Cosmos que poderão devolver a dimensão do sagrado ao nosso quotidiano desprovido de magia e mistério.

Redfield, através do seu romance *Shambhala*, transporta o leitor, servindo-se de uma utopia espiritual, até às montanhas sagradas do Tibete, em busca de um lugar mítico – *Shambhala*. Mais uma vez, o personagem principal, anónimo, simboliza todo e qualquer ser humano que encetou a sua caminhada espiritual e vai recebendo sabedoria e revelações metafísicas através de personagens misteriosas capazes de lhe provocar uma catarse proveniente das revelações auferidas. Neste local, escondido algures nas montanhas geladas,

¹¹ James Redfield, *op.cit.*, 10.

¹² *op.cit.* 110

¹³ Kurt Kaltreider, *American Indian Prophecies* (Carlsbad: Hay House, 1998), 129

¹⁴ *ibidem, idem*

vive uma comunidade, detentora de ensinamentos sagrados, habitada por adeptos de todas as raças e culturas. Shambhala é o poder oculto que tem conduzido a humanidade em direção ao seu destino espiritual:

"You must understand what Shambhala is. The people there are human beings, born into this holy place, but they are of a higher evolutionary state. They help hold energy and vision for the whole world"¹⁵.

O narrador dá-nos a conhecer os membros de uma seita secreta tibetana, os fiéis depositários de lendas misteriosas, sabedoria oral, que descrevem as mudanças interiores necessárias para se ter acesso a Shambhala:

"The legends will guide you. They say that the time for Shambhala to be known will be recognized because many people will begin to understand how those in Shambhala live, the truth behind the prayer-field.(...) Our prayer is an energy or power that emanates out from us in all directions. In most people, who think in ordinary ways, this power is very weak and contradictory. But in others, who seem to achieve a lot in life,(...) this field of energy is strong, although it is still usually unconscious.(...) But the legends say that soon all people will learn about this power and understand that our ability to use this energy can be strengthened and extended"¹⁶.

Será o lama Rigden a iniciar o narrador na 11^a revelação, desvelando-lhe o poder do pensamento e das expectativas, como se tratasse de um campo de energia, um campo de oração. A oração é, no fundo, energia, um campo de intenção que flui constantemente a partir de nós e afecta o mundo. Todos nós temos este poder criativo, mas, para isso, temos que nos abrir a toda a energia divina disponível dentro de nós:

"... we must remember that everything in the universe is alive with spiritual energy and is part of God. We must intentionally ask to connect with the divine inside us.(...) Sacred energy comes from our connection to the divine inside us. All we do,

¹⁵ James Redfield, *op.cit.*, 24

¹⁶ *op.cit.*, 48

when we open up to the divine, is raise our energy vibration and thus our perceptual so we can view the world the way it already is"¹⁷.

Já Plotino dizia : " Procurai sempre conjugar o divino que há em vós com o divino que há no Universo". Esta simbiose irá permitir ao homem obter respostas adequadas à compreensão da vida e dos seus mistérios, de forma a modificar o modo como se vê a si próprio e ao mundo.

"The calling of your generation is different, (...). You, too, must save the world. But you must understand to do so in a different way. You must understand that inside you is a great power that can be cultivated and extended, a mental energy that has always been called prayer"¹⁸

Na realidade, as pessoas, aos poucos, vão-se consciencializando que existe algo que transcende as suas limitações humanas e daí começam, de uma forma misteriosa, a surgir interiormente, perguntas como: " Am I related to something infinite or not ?". E é a partir desta questão metafísica, que se inicia um processo de Crescimento, um processo de Ser. Silko, *em Almanac of the Dead*, demonstra que um sentimento de desespero atormenta a vida de ricos e influentes representantes da raça branca e importantes dignatários da Igreja, provocando um mal estar interior ao qual estes não conseguem atribuir um nome:

"Affluent, educated white people, upstanding Church members, sought out Lecha in secret. They all had come to her with a deep sense that something had been lost. They all had given the loss different names: the stock market crash, lost lottery tickets, worthless junk bonds or lost loved ones; but Lecha knew the loss was their connection with the earth"¹⁹.

Também Carl Jung se refere a este sentimento de mal - estar generalizado, intitulando-o de "perda da alma", e observando de forma percuciente que a humanidade "has sold its soul for a mass of disconnected facts". Assim, parece-nos óbvio que um número significativo de estudiosos e intelectuais partilha da convicção de que o homem moderno vive num mundo fragmentado e desequilibrado. Não temos uma mitologia vital que dê à vida um propósito mais profundo, uma direcção. Sem tal paradigma orientador, vagueamos sem um

¹⁷ *op.cit.*, 67

¹⁸ James Redfield, *op.cit.*, 45

¹⁹ Leslie Silko, *op.cit.*, 718

amanhã, alimentando - nos de forma precária de fenômenos culturais alheios e misteriosos, na potencial esperança de recuperarmos a visão do indivíduo como parte integrante de um cosmos harmonioso, visão essa que implica a união do homem com os animais, as plantas, as nuvens, com toda a biosfera que o rodeia.

Livros como *Almanac of the Dead* e *Shambhala* propõem ao leitor uma nova visão do mundo onde haja lugar para a diversidade e complexidade. Esta nova Ordem irá obrigar a que o Homem se despoje voluntariamente das suas ambições reducionistas e da sua visão mecanicista, estabelecendo uma relação dialogante com uma natureza matriz, fecunda e dinâmica.

Perante o exposto, poder-se-á afirmar que estes dois escritores representam - nesta sociedade alienada dos valores sagrados e de uma visão holística da natureza - ,o protótipo do escritor como xamã, transmissor das verdades transcendentais e guardião dos destinos da humanidade. O xamã é, nas sociedades nativas, uma figura muito poderosa e carismática. Mais que qualquer outro ser humano que se ocupe com o sagrado, o xamã é a pessoa que se embrenha pelas mais remotas regiões do mistério cósmico, para ali haurir a visão e a força necessária para a comunidade humana, em seu nível mais elementar. Redfield, no seu livro *The Tenth Insight*, refere que:

"My grandfather told me about a shaman who came from a faraway tribe and taught our people to search for what he called a state of purification. The shaman taught them to leave from this very spot, (...), and then to follow until they reached what they called the sacred opening into the upper world. If they were worthy, if they had cleared the lower emotions, he told them, they might even be allowed to enter the opening, and to meet directly with the ancestors, where they could remember not just their own vision but the vision of the whole world"²⁰.

O papel do xamã, nestas sociedades, é o de presidir a rituais religiosos e comunicar-se com os espíritos com o fim de orientar o seu povo; é o mediano entre o homem e o sobrenatural, faz diagnósticos de doenças e realiza curas. Para Levi-Strauss, o xamã será de certa forma um psicoterapeuta que substitui a teoria psicanalítica pela mística. Actualmente, o tipo xamânico não é o único que está a emergir na nossa sociedade, visto que começa, aos

²⁰ James Redfield, *The Tenth Insight*, 8

poucos, também a desenvolver-se a dimensão xamânica da própria psique, tal como refere Jung na sua obra *Memories, Dreams and Reflections*:

"I can only gaze with wonder and awe at the depths and heights of our psychic nature. Its non-spatial universe conceals an untold abundance of images that have accumulated over millions of years of living development and become fixed in the organism"²¹.

A corroborar este aspecto, podemos evocar Sidarta Gautama, cuja determinação em encontrar respostas para o enigma da vida era inalienável. Frustrado perante as respostas inadequadas dadas por homens eruditos, Sidarta iria, mais tarde, encontrar as respostas no interior de si mesmo, quando meditava profundamente. De igual modo, Jung não obtinha soluções para as suas indagações (nem Freud, nem outros estudiosos, nem mesmo livros ou teorias lhe proporcionavam as respostas pretendidas). À semelhança de Sidarta, optou por procurá-las em sua própria psique. Jung, na sua autobiografia, relata-nos que teve de submeter-se à experiência original de si mesmo. Um dia, sentado no seu escritório, deixou-se abater e mergulhou nas profundezas da sua psique, submetendo-se aos impulsos espontâneos do inconsciente. Foi este o verdadeiro início de uma experiência que durou vários anos, produzindo material rico, que mais tarde se tornou parte das obras mais importantes de Jung, de suas contribuições mais criativas. Também os grandes cientistas têm feito importantes descobertas, muitas delas vitais para a humanidade, através da dimensão xamânica da psique.

Infelizmente, o racionalismo e o materialismo levaram o homem ocidental a uma unilateralização da consciência e à negação do elemento transcendente, alienando-o das suas raízes mais profundas e sagradas. Perante este cenário, Leslie dá-nos a conhecer um Índio, Tacho, que foi separado do seu irmão gêmeo El Feo e que, ao contrário deste, não comungou dos antigos rituais do seu "pueblo". Assim, serão duas araras sagradas, perscrutadoras do mundo dos espíritos e que, à semelhança de um xamã, irão despertar em Tacho uma nova consciência, que o levará à re-descoberta da sua verdadeira dimensão espiritual. Inicia assim a longa caminhada de reencontro com as suas raízes ancestrais:

"Tacho had tried to avoid the spirits. But one day two big blue macaws had appeared in the tree by his door, and it was too late; the macaw spirits had chosen Tacho as

²¹ Aniela Jaffe (ed.), *Memories, Dreams and Reflections* (New York: Vintage Books, 1963), 399

their servant.(...) When the spirits called, Tacho had to go to them; their name for him was Wacah.(...) The macaws had come with a message for humans, but it would take a while for Tacho to understand. The macaws had been sent because this was a time of great change and danger"²².

A partir deste momento, Tacho e o seu irmão gémeo, El Feo, humilde zelador e servidor da "Mother Earth", vão estar comprometidos numa vida de serviço cujo esteio é a realidade do seu mundo espiritual. Quando chegar o dia decisivo, anunciado pelas araras sagradas, estes líderes espirituais, irão conduzir o seu exército tribal – "barefoot tribal army", guiados pelas vozes das araras em direcção ao Norte, com o fim de recuperarem as terras ancestrais e, por fim, libertarem a Terra da acção iníqua do homem branco.

"The Spirit macaws promised spiritual strength and satisfaction to all who marched North. North was the direction of death, but they must not be afraid. The number of the landless and the homeless and those who join them had grown steadily, but now the authorities were dealing with a religious cult that seemed not to fear death much because they already talked to spirits of the dead anyway"²³.

Já nada nem ninguém faria retroceder aquele exército pacífico. Neste momento, já se tinham criado as condições necessárias às transformações que iriam ocorrer na Psique colectiva. Sem se aperceberem, estavam a dar voz a um chamamento interior e a intuir a sabedoria ancestral gravada no inconsciente colectivo da humanidade.

Também em *Shambhala*, provavelmente com base na conhecida Profecia do Rei do Mundo, os exércitos de Shambhala, à semelhança do exército tribal descrito por Silko, conduzidos por guerreiros espirituais irão libertar o Tibete do domínio tirânico dos chineses :

"I just get so angry when I think of what [the Chinese] are doing. Someday the warriors of Shambhala will ride out and defeat these monsters of evil"²⁴.

Todos estes personagens, os irmãos gémeos e o narrador, entre outros, surgem como heróis numinosos perante um mundo que perdeu os valores sagrados ancestrais. Já o homem branco e os Chineses, na perspectiva destes dois autores, simbolizam o lado obscuro

²² Leslie Silko, *op.cit.*, 475-476

²³ Leslie Silko, *op.cit.*, 590

²⁴ James Redfield, *Shambhala*, p.39

de cada ser humano, os atributos negativos da nossa psique. Nesta perspectiva, eles são a personificação dos impulsos nihilistas e destrutivos que existem na alma de cada um de nós.

Mais adiante, Redfield menciona uma batalha que irá ser travada e refere que

"[Yin] is speaking from the human viewpoint that sees defeat in terms of war and physical fighting. Exactly how this prophecy will come true is still unknown. We will have to first understand Shambhala. But we know that this will be a different battle"²⁵.

De igual modo, Silko, através das vozes das araras sagradas, faz também alusão a uma batalha, que "...will be won or lost in the realms of dreams, not with airplanes or weapons"²⁶. Possivelmente, esta "batalha", anunciada por Redfield e Silko, em termos simbólicos e metafóricos, constitui o prenúncio de uma batalha interior que se inicia, de uma forma subtil, secreta e silenciosa, a luta que o ego, insensato e narcisista, trava perante a possibilidade de abandonar a sua aspiração de ser o centro da personalidade e reconhecer a existência de outro centro do qual é parte e ao qual se deve subordinar. Este processo corresponde ao sacrifício do ego para que um eu mais fundamental, isto é, o Self (na nomenclatura de Jung) possa emergir. Mas, para isso ocorrer, o ego, carregado de projecções e de falsas visões, precisa de se dissolver. Este Self é o Eu superior, ou o Eu Espiritual, a centelha divina no homem de que falam os místicos, entre outros. É o princípio numinoso, transcendente e imutável, presente em todas as coisas, tal como refere Redfield:

"But we must remember that everything in the universe is alive with spiritual energy and is part of God. We must intentionally ask to connect with the divine inside us"²⁷.

Só a partir do momento em que o ego toma consciência da alienação do Self, e de suas necessidades espirituais profundas, é que se inicia, paulatinamente, este processo de Crescimento, ou seja, um processo de individuação, o reconhecimento da inter-relação do ser humano com todas as coisas e a sua identificação com a realidade transcendente do seu

²⁵ *op.cit.*, 43

²⁶ Leslie Silko, *op.cit.*, 475

²⁷ James Redfield, *Shambhala*, 67

Eu Superior. De repente, sem saber bem porquê, surge uma necessidade de dar corpo a uma nova sensibilidade que está a desabrochar dentro de nós. A vida parece adquirir um maior significado e finalidade e, tal como Silko refere, surge uma obrigação, apesar de não sermos obrigados, uma necessidade interna de fazer algo. E aí começa uma longa caminhada, guiada por forças misteriosas e numinosas:

"The spirits were talking to dreamers all over the world. Awake, people did not even realize the spirits were instructing them. It was perfect. People would not know why their feet were marching them north; people would not understand the joy they felt walking together side by side"²⁸.

Redfield também faz alusão aos sonhos e aconselha o leitor a prestar atenção ao seu significado, pois, no fundo, são uma orientação do Eu Superior ou intuição:

"We believe` (...), `that the time when the way of Shambhala shall be known in the world is very close.`

`Lama, how do you know this?'

`Again, because of our dreams. Your friend Will has been here(...).This we took as a great sign because we had earlier dreamed of him"²⁹.

Estas experiências oníricas descritas em *Shambhala* e *Almanac of the Dead* são extremamente importantes para os seres humanos. Se as experiências diurnas são indispensáveis para que o homem desperte para o mundo fenomenal, as experiências nocturnas são indispensáveis para se entrar em comunhão com as forças numinosas, os espíritos que se expressam através de símbolos:

"They were listening to strange voices inside themselves. Although few would admit this, the voices they heard were voices out of the past, voices of their earliest memories, voices of nightmares and voices of sweet dreams, voices of the ancestors"³⁰.

Daqui se depreende que Silko pretende acordar no leitor a necessidade de o ser humano recuperar aquele sentido de comunhão com o mundo arquétipo do seu inconsciente.

²⁸ Leslie Silko, *op.cit.*, 419

²⁹ James Redfield, *Shambhala*, 43

³⁰ Leslie Silko, *op.cit.*, 513

É aí, no inconsciente colectivo que reside a universalidade do homem, as suas raízes cósmicas colectivas, a sua ligação com a totalidade da vida e o seu processo evolutivo. E é através dos sonhos que as imagens arquétipas, as imagens primordiais, através de símbolos, começam a emergir, desvelando um caminho de desenvolvimento espiritual, (de retorno às origens), a visão sacralizada da existência humana. Assim, com acuidade e subtilidade, os espíritos irão provocar o desabrochar das sementes que esperavam pelo momento certo para germinarem e daí a batalha ser ganha não com armas, mas através de uma mudança de consciência, através da adopção de novos padrões de vida e de novos valores. Portanto, a re-orientação do modo como pensamos, como sentimos o mundo natural e como nos vemos a nós próprios e aos outros é necessária para restaurar o sagrado, o mito e a magia no nosso mundo. E, a partir deste momento, as pessoas, independentemente da sua raça ou religião, caminharão juntas numa verdadeira cruzada espiritual. Têm como ideário viver em Paz e em comunhão com a "Mother Earth", de modo a formarem um Todo harmonioso, símbolo do amor entre todos os seres do Cosmos:

"The spirits required that the people walk.(...) All were welcome. It was only necessary to walk with the people and let go of all the greed and the selfishness in one's heart. One must be able to let go of a great many comforts and all things European; but the reward would be peace and harmony with all living things. All they had to do was return to Mother Earth. No more blasting, digging or burning"³¹.

Por sua vez, Redfield assegura ao leitor de que este despertar espiritual é já uma realidade, uma vez que, paulatinamente, estamos a consciencializar-nos de que somos seres espirituais que evoluem lentamente para a espiritualização de toda a cultura neste planeta:

"We can now hold the vision of a spiritual world and act to bring it about through our creative power"³².

E, já no final, Redfield transmite uma visão de esperança aos leitores. Levanta o véu da profecia e anuncia que, em breve, a sabedoria de Shambhala estará ao alcance de toda a gente que sinta e expresse a cada momento a sua divina conexão com tudo o que o rodeia, levando a cabo a sacralização da existência humana:

³¹ Leslie Silko, *op. cit.*, 710

³² James Redfield, *Shambhala*, 237

"... the warriors of Shambhala will stream out of the east and defeat the powers of darkness, and create an ideal society. This isn't happening with horses and swords. It's happening with the effect of our extended fields, as the knowledge of Shambhala moves into the world. If all those from every religion who believe strongly in a connection with the divine avoid negative prayer and work together, we can all use the prayer extensions to take over the role of Shambhala"³³.

Será através da consciencialização deste poder que emana de nós, o poder criador, o poder divino que iremos provocar uma mudança em nós e, por sua vez, a mudança que queremos que se opere no mundo. É que, segundo as lendas, tal como os Índios estavam a ser ajudados pelos espíritos, também nós estamos a ser guiados e protegidos pelos "dakini", os guardiões de Shambhala, que dirigem as nossas vidas e a vida do universo, conhecidos como anjos no ocidente. Nesta perspectiva, Redfield defende que a partir do momento em que tomarmos consciência da existência destes reinos angélicos, nos ligarmos a eles e elevarmos o nosso nível de energia de uma forma consciente, estarão criadas as premissas para que

"The new millennium could look a lot different from how it is now. We would truly be the warriors of Shambhala winning the battle over how the future will look"³⁴.

Em resumo, e à guisa de conclusão, podemos afirmar que Leslie Silko e James Redfield são os arautos de uma mudança de consciência, mudança essa que tem de ser feita a nível do coração. São precisamente estas novas vozes e estes novos discursos que nos poderão ajudar a recuperar a visão sagrada do Universo e a perceber a Verdade Suprema, o princípio orientador conducente à verdadeira espiritualidade – All is one, All is related. Nada existe no Universo que não esteja intrinsecamente, inexoravelmente interligado e somos todos Um só. A partir do momento em que esta Verdade se tenha firmemente alojado em nossos corações, estaremos aptos a concretizar uma nova Ordem Social, a percorrer o caminho que os Índios designam de "red road", a via amorosa e espiritual que nos levará a vivenciar a nossa existência de forma plena e cabal.

³³ *op.cit.*, 227

³⁴ *op.cit.*, 237